

O SETOR DE SERVIÇOS E A NOVA DINÂMICA ECONÔMICA DO NORDESTE: O RURAL E A PLURIATIVIDADE

Severino Félix de Souza - severinofelix@hotmail.com
Francisco Danilo da Silva Ferreira - ffdanilloferreira@gmail.com
Ana Cristina dos Santos Moraes - crystynamorays@hotmail.com

* Submissão em: 17/10/2016 | Aceito em: 21/04/2017

RESUMO

O dinamismo econômico das regiões é um fator bastante decisivo para a não estagnação de sua economia. Baseado nisso, as regiões tem procurado desenvolver-se cada vez mais e, além do setor urbano, a área rural vem procurando contribuir com essa dinâmica, como exemplo, o aumento da participação no setor de serviços. Melhorar rendimentos e aumentar o poder aquisitivo é uma preocupação crescente na vida das famílias, tanto urbana, como rurais. No setor rural, a pobreza e a desigualdade vêm de certa forma, quando não estagnadas, diminuindo. Boa parte dessa melhoria na renda pode ser considerada por meio do avanço do setor de serviços, abrindo espaço para as famílias tornarem-se pluriativas. Assim, faz-se necessário diversificar a forma de obtenção de renda. Atualmente, as famílias passaram a constituir uma nova classificação: As chamadas pluriativas. O objetivo deste trabalho consiste em examinar a nova dinâmica da região Nordeste, fazendo uma análise no setor de serviços, paralelo ao novo rural, demonstrando ainda, como essa nova dinâmica influencia positivamente a região por meio da diminuição ou estagnação da pobreza e da desigualdade. A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica, de cunho exploratório, concernente à temática abordada explicitando e caracterizando respectivamente, pluriatividade, o novo rural, pobreza e desigualdade, fazendo uso dos índices de pobreza FGT, de desigualdade de Gini. Os resultados demonstram que existe uma nova dinâmica na Região Nordeste, advinda do aumento e da transformação do setor de serviços, que age como propulsor da mudança do rural, entendendo que este setor não pode ser considerado apenas agrícola. Portanto, essa modificação vem ajudando a transformar este cenário.

Palavras-Chave: Setor de Serviços, Pobreza, Desigualdade, Pluriatividade

THE SERVICES SECTOR AND THE NEW ECONOMIC DYNAMICS OF NORTHEAST: THE RURAL AND PLURIACTIVITY

ABSTRACT

The economic dynamism of the regions is a very decisive factor in non-stagnation of its economy. Based on that, the regions have sought to develop more and beyond the urban sector, the rural area is looking better contribute to this dynamic, as an example, the increased participation in the services sector in the Northeast. Improve yields and increase purchasing power is being nowadays a growing concern in the lives of families, both urban, and rural. Thus, parallel to this need, poverty and inequality has been somewhat stagnant if not decreasing. Much of this improvement can be considered income by improving the services sector, which makes room for families to become

pluriactive. Thus, it is necessary to diversify the means of obtaining income. Currently, families now constitute a new rating: They are called pluriactive families. The objective of this study is to examine the new dynamics of the Northeast, making an analysis in the service sector, parallel to the new rural, yet demonstrating how this new dynamic positively influence the region through improved poverty and inequality in the region. The methodology used consists of in a literature review of an exploratory nature, concerning the thematic of explaining and characterizing respectively, pluriactivity, the new rural, poverty and inequality, making use of indexes Poverty FGT, Inequality Gini. The results show that the new dynamic of the Northeast, in view of the increase in the service sector, which happens to be a major driver of change in rural, understanding that it can't just be considered agricultural. Therefore, this modification is helping to turn this scenario.

Keywords: Service Sector, Poverty, Inequality, Pluriactivity

1 INTRODUÇÃO

A região Nordeste faz parte de uma das regiões com um dos piores índices de distribuição de renda do país. Sua população tem buscado alternativas diferentes para a diversificação de renda, com objetivo de melhorar o rendimento das famílias residentes na região na intenção de diminuir a pobreza e a desigualdade do Nordeste.

Outras fontes de rendas são necessárias, tendo em vista que a região conta com níveis de pobreza e desigualdades bastante elevados (IBGE). Nessa direção, as famílias estão deixando de ser apenas agrícolas, passando a ser classificadas de outra forma: As chamadas famílias pluriativas. Essas famílias tendem a diversificar suas fontes de rendas com ocupações não-agrícolas, ou seja, passam a depender não apenas da agricultura.

Como afirma Gomes da Silva e Veras (2001), estados como o Rio Grande do Norte, entre outros, vem destacando-se no crescimento dessas atividades pluriativas, fazendo usufruto principalmente da área do turismo.

O setor rural do Nordeste vem sofrendo modificações, passando assim por profundas alterações no decorrer das últimas décadas: (i) A diminuição da dependência de um conjunto de atividades agrícolas, com destaque para o algodão, cacau, etc; (ii) Intensificação em certas regiões do cultivo agrícola como pecuária bovina de corte e de leite; (iii) Surgimento de algumas atividades como a fruticultura em Petrolina/Juazeiro e no polo Açú/Mossoró, no Rio Grande do Norte; (iv)

Crescimento das atividades não-agrícolas. Essas transformações refletem na dinâmica econômica da Região Nordeste. (GOMES DA SILVA; VERAS, 2001).

Segundo Souza, (2010), o número de pessoas da zona rural ocupadas em atividades na zona urbana vem aumentando. Essa elevação dá-se na tentativa de erguer a renda das famílias e tentar reduzir a pobreza, que é bastante elevada na região. Como alternativa, o setor de serviços passa a servir como opção para suprir essa tentativa.

O setor de serviços é responsável por mais da metade da renda nacional, pois correspondeu a 54% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2002 (IBGE). Alguns exemplos de atividades que fazem parte desse ramo são: comércio, turismo, serviços financeiros, jurídicos, de informática, comunicação, arquitetura, engenharia, auditoria, consultoria, propaganda e publicidade, seguro, corretagem, transporte e armazenagem, além das atividades públicas e privadas de defesa, segurança, saúde e educação, entre outros. Parte dessas atividades são “atividades alvo” das famílias pluriativas.

Desta forma, o objetivo deste estudo consiste em estudar a nova dinâmica da região Nordeste, fazendo uma análise no setor de serviços, paralelo ao novo rural, demonstrando ainda, como essa nova dinâmica influencia positivamente a região por meio da diminuição da pobreza e desigualdade da região.

A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica, de cunho exploratório, concernente à temática abordada explicitando e caracterizando respectivamente, pluriatividade, o novo rural, pobreza e desigualdade, fundamentado na utilização de dados analisados em estudos empíricos que usaram como base os microdados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD), como também os índices de pobreza FGT, de desigualdade de Gini.

Este trabalho está dividido em cinco seções: na primeira, é realizada uma introdução acerca da temática abordada, na segunda seção, apresenta-se a fundamentação teórica, com uma breve descrição sobre pobreza e desigualdade referente à região analisada, onde são abordadas as mudanças do rural nordestino, na terceira seção, expõe-se a metodologia utilizada, a quarta seção apresenta os resultados e por fim, uma conclusão.

2. A DINÂMICA RURAL NORDESTINA

A nova dinâmica da zona rural está baseada na diversificação das suas atividades, uma vez que atividades muitas vezes desenvolvidas como *hobbies* passam a fazer parte da composição da renda das famílias, que deixaram de ser apenas agrícolas, para comporem o que é chamado de famílias pluriativas (SOUZA, 2010).

Segundo Lima (2008), essa visão de uma nova dinâmica da zona rural, atrelada à oferta de empregos provenientes da zona urbana passou a ser estudada não apenas a nível regional, mas também a nível nacional. Como exemplo, o projeto denominado como uma “Caracterização do Novo Rural Brasileiro” (ou Rurbano, como ficou mais conhecido), que tem a finalidade, de analisar as transformações mais recentes do meio rural das várias unidades da federação.

NASCIMENTO *et al* (2001) corroboram com o conceito de pluriatividade, que consiste em uma diversificação ou combinação de tarefas ou atividades agrícolas e não-agrícolas. Estas atividades são desempenhadas pelos membros das famílias rurais.

No que diz respeito à pobreza, Rocha (2006, p. 9) caracteriza-a como “um fenômeno complexo podendo ser definida de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada”. Desta forma, ser pobre estaria relacionado a não poder atuar no grupo social em que o indivíduo faz parte.

Neste sentido, a pobreza, para Souza (2010), é regionalizada, pois, aparece de forma mais forte, ou destacada nas regiões Norte e Nordeste, em contrapartida, tem uma menor incidência, aparecendo assim de forma menos expressiva nas regiões em direção ao Sul.

Em relação à desigualdade, a região Nordeste também sofre desse grande mal. Conforme apontam Schlindwein e Carvalho (2001, p. 3) “a questão da desigualdade de renda tem raízes históricas no Brasil, sendo decorrente do processo de evolução econômica do país”. Assim, a desigualdade é um fenômeno histórico, provindo do processo de evolução do Brasil.

Desta forma, a desigualdade é medida por meio do índice de Gini, que varia de 0 (zero), não existindo desigualdade até 1 (um), existindo desigualdade máxima (LIMA, 2008). Essa desigualdade pouco foi alterada, porém, também não aumentou (SOUZA *et al*, 2011).

Kon (2004) afirma que estudos iniciais e específicos sobre as atividades econômicas do setor de serviços surgiram nos anos 50, porém, esses estudos eram esporádicos e apresentavam uma

teoria inconsistente. Os estudos eram “dirigidos para a análise da localização regional das atividades econômicas, entre as quais os serviços desempenhavam papel relevante como fator locacional” (Kon, 2004. p. 1).

Estados da região Nordeste vêm tendo aumentos consideráveis em seus índices do setor de serviços. Como mostram os dados do IBGE, a Paraíba registrou uma das maiores taxas de crescimento do Nordeste. Segundo os dados do site do Governo da Paraíba, o estado teve uma elevação de 16,4% no setor, ficando atrás apenas do Ceará, que segundo dados também do Governo do Estado, teve um índice de 17,4%, sendo considerados segundo e primeiro estados da região e quarto e terceiro do Brasil – respectivamente – em relação ao índice de crescimento, o que vem a corroborar com a força do setor na economia.

2.1 A PLURIATIVIDADE E O NOVO RURAL NORDESTINO

O termo pluriatividade é recente, e segundo Souza (2010), teve seu surgimento no cenário nacional, em meados da década de 1970. Já no Brasil, o termo pluriatividade começou a fazer parte do vocabulário de estudos e pesquisas do projeto Rurbano, da Unicamp, só na década de 1990, conforme estudos de Lima (2008).

Vale salientar, no que diz respeito ao surgimento da discussão voltada para os termos *agricultor em tempo parcial*, *atividades não-agrícolas*, *empregos múltiplos*, e *pluriatividade* deixa claro que tais termos mencionados remontam sua discussão ao início do século XX (ALVES, 2002).

O termo pluriatividade foi proveniente da expressão usada na Europa no final da década de 1980, a *pluriactivity*. A sua definição chegou a ser confusa para alguns autores e pesquisadores, uma vez que vários conceitos foram adotados para a determinação, como afirma Alves (2002).

Procurando diversificar e melhorar a renda, as famílias buscam estratégias para melhorar o seu nível de qualidade de vida, no que diz respeito ao âmbito financeiro. Desta forma, a família é considerada uma unidade de análise relevante, contudo, Souza et al (2011, p. 81) apontam que essas famílias podem ser classificadas da seguinte forma:

- a) **“Família agrícola:** Quando todos os membros da família exerçam atividades principais e secundárias voltadas à agricultura-pecuária;

- b) **Família não-agrícola:** Quando as atividades principais e secundárias não são voltadas à ocupação agropecuária;
- c) **Família Pluriativa:** Quando pelo menos um trabalhador da família exerça uma ocupação não-agrícola e outro(s) em atividade agrícola”

A Pluriatividade¹ hoje vista como uma forma a mais de melhorar a renda das famílias agrárias nem sempre foi vista de forma satisfatória. Pois, esse tipo de diversificação de renda tenderia a ser uma forma desleal de concorrência, uma vez que as rendas que fossem conseguidas fora das propriedades tenderiam a agir de forma substitutiva à agricultura, ou à atividade agrícola que aparecia como a principal fonte de renda.

Souza (2010, p. 5) aponta que “a inversão da opinião acerca da pluriatividade se deu a partir da década de 1980 e o que antes era visto como empecilho passava a ser visto com bons olhos e aceito como possível solução de alguns problemas”. De fato, a pluriatividade passava a ser vista como uma ferramenta para diminuição da pobreza e da desigualdade.

Desta forma, o que antes era visto como apenas um simples *hobbie* ou até mesmo visto como diversão passou a ser mais apreciado, servindo então, como uma fonte de renda, como exemplo: os pesque-pagues, turismo-rural, condomínios de luxo no meio rural, entre outras ocupações e atividades (SOUZA, 2010).

Tendo em vista essa nova dinâmica econômica, fica claro que o meio rural tanto brasileiro, quanto o nordestino não apresenta um espaço de atividades apenas agropecuárias e industriais, mas também, esse espaço vem ganhando novas funções e se modelando para suprir a necessidade decorrente da escassez de renda das regiões mais pobres.

Contudo, por se tratar de uma região muitas vezes castigada pela seca, pela estiagem e por ter que conviver com a fatídica realidade da desigualdade de renda que assola tanto o Brasil, e principalmente a região Nordeste, a população desta região vem buscando diversificar suas fontes de renda, no intuito de melhorar suas arrecadações.

Para Nascimento (2008), a incidência da pluriatividade no Brasil é caracterizada de forma mais acentuada em regiões com maiores índices de pobreza. Dessa forma, este fenômeno é

¹ Para um aprofundamento no tema, consultar Schneider (1999) ou Souza (2010).

crescente e constante no meio rural nordestino, agindo de forma tal, que as famílias passam a tê-la como estratégia para sobreviver à pobreza.

De acordo com o estudo realizado por Mariano e Neder (2001), os resultados encontrados sobre esta situação, demonstraram uma contribuição no aumento da renda, ou seja, a importância das atividades consideradas não-agrícolas, como uma alternativa de renda e emprego para as famílias do meio rural.

Esta contribuição deu-se de forma ainda maior naquelas famílias que não são proprietárias de terras ou que não tenham componentes da família gerando algum tipo de renda, em alguma ocupação agrícola.

Desta forma, as famílias pluriativas, ou seja, aquelas que diversificam suas atividades tem um papel importante na nova dinâmica econômica da região Nordeste. Para Alves (2002), diversos são os motivos que fazem com que os trabalhadores agrícolas passem a exercer outras atividades.

Segundo Alves (2002, p. 13) “uma recompensa à escassez de terra de trabalho somada ao chamado “ano ruim” e, sobretudo, as limitações do solo e a escassez de água aliadas à falta de recursos e políticas de desenvolvimento”, seriam alguns dos motivos para os trabalhadores agrícolas buscarem diversificar suas atividades.

O desenvolvimento dos estudos supracitados corrobora e trazem ainda mais clareza no que diz respeito às mudanças que ocorreram na zona rural do Nordeste, como também no Brasil. Desta forma, a zona rural não pode ser estudada apenas em função das atividades agrícolas, uma vez que as atividades não-agrícolas vêm ganhando maior destaque, como também empregando e ocupando um espaço maior no meio rural (CRUZ *et al*, 2012).

3. METODOLOGIA

O esquema metodológico desse estudo basicamente divide-se em 3 partes: A primeira busca analisar, explicitar e caracterizar a pluriatividade e a nova dinâmica da região utilizada na pesquisa. A segunda parte conceitua pobreza e desigualdade, trazendo também, definições e subdivisões. Por fim, a análise da terceira parte, está centrada no que concerne o setor de serviços, sua atuação e o comportamento do mesmo na região em destaque frente a pobreza e desigualdade..

A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica de cunho exploratório, concernente à temática abordada baseado na utilização de dados analisados em estudos empíricos e dos microdados da PNAD.

3.1 POBREZA E DESIGUALDADE: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A discussão sobre pobreza² no Brasil e nas regiões mais pobres do país, com destaque para o Nordeste está baseada na proporção do número de pessoas que estão abaixo de um determinado nível estabelecido de renda, que a literatura da área classifica e denomina como *linha de pobreza* (LOUREIRO e SULIANO, 2010).

Os indicadores da pobreza têm como característica trazer informações concernentes à evolução de aspectos relevantes e ao nível da pobreza. Desta forma, Os índices Foster-Greer-Thorbecke (FGT) (1984) medem a pobreza da população, variando assim de 0 (zero) a 1:

Quando $\varphi(\alpha) = 0$ a renda > que a linha de pobreza (z);

Quando $\varphi(\alpha) = 1$ a renda das pessoas = 0.

Segundo Lima (2008), o índice FGT tem sua composição formada da seguinte maneira:

P_0 – Proporção de pobres;

P_1 – Hiato da pobreza;

P_2 – Severidade da pobreza.

Estes índices são calculados baseados nas expressões seguintes:

$$P_0 = \frac{q}{n} \quad (1)$$

$$P_1 = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^q \frac{z - y_i}{z} \quad (2)$$

$$P_2 = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^q \left(\frac{z - y_i}{z} \right)^2 \quad (3)$$

onde:

² Para resultados mais aprofundados e concretos sobre a evolução da pobreza e da desigualdade na região Nordeste, consultar SOUZA (2010).

q é o número de pobres, ou seja, famílias cuja renda *per capita* domiciliar é menor que a linha de pobreza;

n é o tamanho da população;

z é a linha de pobreza;

y_i é a renda *per capita* domiciliar da i -ésima família.

Os índices P_0 , P_1 e P_2 , medem respectivamente a proporção de pobres, o hiato da pobreza e a severidade da pobreza. O primeiro índice mede a pobreza proporcionalmente a renda familiar *per capita* das famílias situadas a baixo da linha da pobreza; o segundo índice dá ênfase às pessoas mais pobres dentro do conjunto da população pobre, medindo a intensidade da pobreza; por fim, o terceiro índice, apresenta peso maior relacionado as pessoas mais pobres, que estão a baixo da linha de pobreza (Neder & Gomes 2003).

A pluriatividade surgiu basicamente devido a necessidade da população das regiões mais pobres em buscar alternativas para aumentar suas rendas e para poder sobreviver e ou viver adequadamente no meio social em que convivem. Pobreza e desigualdade são males que assolam grande parte das regiões do Brasil, aparecendo de forma mais intensa nas regiões Norte e Nordeste.

A subdivisão da pobreza aparece na forma de pobreza absoluta e pobreza relativa. Porém, antes de analisar a pobreza em si, faz-se necessário fazer uma análise da sua subdivisão. Rocha (2006, p. 11) define pobreza absoluta e pobreza relativa da seguinte forma:

Pobreza Absoluta: “Estritamente vinculada às questões de sobrevivência física, portanto, ao não atendimento das necessidades ao mínimo vital”. É a pobreza voltada para o atendimento das necessidades mínimas de um trabalhador para o desenvolver de suas atividades frente a suas condições físicas.

Pobreza Relativa: “Definida pelas necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante da sociedade em questão, ou seja, significa incorporar a redução das desigualdades de meios. Consiste ainda na delimitação de um conjunto de indivíduos ”relativamente pobres” em sociedade onde o mínimo vital já é garantido a todos.”

Desta forma como aponta Rocha (2006, p. 77), “onde a economia é essencialmente monetária como no Brasil, a pobreza pode ser entendida pelo menos como ponto de partida como insuficiência de renda”. Então, para se chegar a uma noção da pobreza, enquanto escassez de renda, o cálculo deve ser feito a partir das famílias e não das rendas individuais.

Além de absoluta e relativa, existe outra subdivisão para classificar a pobreza. As linhas de pobreza podem ser arbitrárias ou observadas. Desta forma, a linha de *pobreza arbitrária* é a possibilidade estabelecida de um valor. Valor esse que garantiria ao indivíduo o mínimo para sua subsistência, atendendo assim as suas necessidades básicas.

Existem alguns exemplos para a formação e determinação dessa linha de pobreza arbitrária, tais como: O Banco Mundial estabelece um valor de US\$ 1,00 ou US\$ 2,00 por dia. Já no Brasil, é usado em diversos estudos, o valor de $\frac{1}{2}$ salário mínimo como forma de determinar o nível da pobreza arbitrária (SOUZA, 2010).

Já a linha de *pobreza observada*, basear-se-á na estrutura do nível de consumo da população que apresenta baixa renda. Esta linha de pobreza vai levar em consideração e como referência, pesquisas de orçamentos familiares. A partir disso, poderá delimitar uma cesta alimentar mínima adequada para as famílias (ROCHA, 2006). Esta cesta alimentar tem que levar em consideração o mínimo para a subsistência do indivíduo ou da população.

No que concerne à desigualdade, no Brasil, este “fenômeno” tem características históricas, uma vez que é decorrente da evolução econômica, em um processo desigual, tornando-se assim um dos maiores e mais graves problemas enfrentados pela população.

Para medir a desigualdade, é usado o índice de Gini³ que recebe valores limítrofes que variam de 0 (zero) até 1 (um). Quanto mais próximo de zero, mais próximo de não haver desigualdade, em contrapartida, quanto mais próximo o índice for do um, mais próximo será de haver desigualdade máxima.

³ “O índice de Gini é uma das principais medidas de desigualdades, tendo sido proposto por Corrado Gini em 1919. Uma das principais vantagens do índice de Gini é, certamente, sua associação direta com a posição da curva de Lorenz” (HOFFMANN, 1998, p. 38). Para mais informações sobre o índice de Gini, vide Hoffmann (1998).

Hoffmann (1998) e Lima (2008) apontam que o índice de Gini: “[...] (G) mede a desigualdade relativa da distribuição de renda pela razão entre a *área da desigualdade* (α) e a área de uma distribuição de perfeita igualdade da Curva de Lorenz⁴”:

$$G = \frac{\alpha}{0,5} = 2\alpha \quad (4)$$

em que, $0 \leq G < 1$

É possível realizar o cálculo do impacto (em percentual) na pobreza de uma variação percentual no índice de desigualdade (Gini), ou seja, a elasticidade Gini da pobreza. Datt (1998) e Guimarães (2007) demonstram a possibilidade de calcular o índice de Gini pelas fórmulas⁵:

$$G = \frac{s}{2} - \frac{n(b+2)}{4m} + \frac{r^2}{8m\sqrt{-m}} \left[\text{sen}^{-1} \frac{(2m+n)}{r} - \text{sen}^{-1} \frac{n}{r} \right], \text{ quando } m < 0 \quad (5)$$

e

$$G = \frac{s}{2} - \frac{n(b+2)}{4m} - \frac{r^2}{8m\sqrt{m}} \ln \left[\text{abs} \left(\frac{2m+n+2\sqrt{m}(a+c-1)}{n-2s\sqrt{m}} \right) \right], \text{ quando } m > 0 \quad (6)$$

Conforme demonstrado em estudos de Kakwani(1990), Datt(1998), Neder (2003) e Guimarães(2007), os valores da elasticidade Gini da pobreza podem ser obtidos pelas equações:

$$\xi_{P_0} = \left(1 - \frac{z}{\mu} \right) / (P_0 L''(P_0)) \quad (7)$$

$$\xi_{P_1} = 1 + \left(\frac{\mu}{z-1} \right) \frac{P_0}{P_1} \quad (8)$$

$$\xi_{P_2} = 2 \left[1 + \left(\frac{\mu}{z-1} \right) \frac{P_1}{P_2} \right] \quad (9)$$

4. O SETOR DE SERVIÇOS E A PLURIATIVIDADE

O setor de serviços vem mostrando-se cada vez mais forte no que diz respeito à formação e geração de renda, tanto na região Nordeste, quanto no Brasil como um todo. Estados como a

⁴ Para maiores detalhes sobre a Curva de Lorenz, ler Souza (2010) e Hoffmann (1998).

⁵ Segundo Datt (1998), para a especificação quadrática da curva de Lorenz, as fórmulas para o índice de Gini só são válidas se $a+c \geq 1$.

Paraíba e o Ceará, vêm demonstrando um grande e expressivo crescimento neste setor, com índices considerados.

TABELA 1: EVOLUÇÃO DAS RENDAS DAS FAMÍLIAS SEGUNDO A ÁREA CENSITÁRIA E TIPO DE FAMÍLIA. NORDESTE, 2003-2009. (R\$)

Area Censitária/ Tipo de Família	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Tx. cres. (%)	Sign.
Rural									
Agrícolas	468.12	496.00	510.37	535.23	608.62	591.52	613.54	4,90	***
Não-Agrícolas	692.97	693.11	804.96	823.18	915.81	917.87	957.88	6,11	***
Pluriativas	696.41	722.79	815.96	869.86	947.37	1009.20	999.01	7,02	**
Não-Ocupados	379.07	474.71	414.40	489.02	450.52	562.54	568.10	6,02	***

Fonte: SOUZA *et al*, 2011. Dados reprocessados da PNAD pelos autores, deflacionados pelo INPC.

***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1, 5, 10% de confiança e não significativo, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo.

A tabela 1 demonstra a evolução das rendas das famílias por área e tipo de família da Região Nordeste. É notório a evolução e o aumento da renda das famílias não agrícolas e pluriativas com taxas de crescimento maiores que as demais, o que corrobora a importância do setor de serviços para a diversificação da renda das famílias, apesar de existir também o aumento significativo na renda das famílias não ocupadas.

Porém, no passado, conforme afirmação de Kon (1999), o setor de serviço não tinha tamanha importância que apresenta na contemporaneidade. O setor de serviços era considerado residual se comparado com o global da economia, sendo visto ainda como inerente, de menor produtividade e intangível.

Kon (2004) aponta que foi somente na década de 1950 que os primeiros estudos mais específicos acerca das atividades econômicas do serviço começaram a surgir. Porém, apareciam de forma esporádica e não apresentavam uma consistência teórica significativa. Tais estudos tinham foco na análise da localização regional das atividades econômicas, onde os serviços tinham uma grande relevância no que diz respeito ao fator locacional (KON, 2004).

Relevância essa que pode ser vista na tabela 2, que retrata a ocupação da população segundo área censitária e ramo de atividade. Esta tabela demonstra a evolução da PEA (população economicamente ativa) na Região Nordeste. Diferente da PEA rural e da PEA rural estritamente agrícola que tem crescimento negativo de -0,83% e -2,33% respectivamente, a PEA rural não-agrícola tem seu crescimento positivo, correspondente a 4,66%, ou seja, houve um crescimento da população economicamente ativa não-agrícola, diferente da população economicamente ativa rural e rural estritamente agrícola que diminuíram.

TABELA 2: POPULAÇÃO OCUPADA SEGUNDO A ÁREA CENSITÁRIA DA AMOSTRA E RAMO DE ATIVIDADE. PEA COM 10 ANOS OU MAIS DE IDADE, NORDESTE, 2003-2008. (MIL PESSOAS)

Area Censitária/ Tipo de Família	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Tx. cres. (%)	Sign.
PEA URB	14.562	15.180	15.589	16.060	15.997	16.654	17.078	2,49	*
PEA RUR	7.532	7.508	7.936	7.667	7.487	7.281	7.251	-0,83	ns
PEA RUR AGR	6.138	6.03	6.248	6.001	5.698	5.527	5.382	-2,33	*
PEA RUR NAGR	1.394	1.478	1.688	1.666	1.780	1.754	1.869	4,66	**

Fonte: SOUZA *et all*, 2011. Dados reprocessados da PNAD pelos autores, deflacionados pelo INPC.

***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1, 5, 10% de confiança e não significativo, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo.

A visão do setor de serviços baseada em uma análise histórica tem como conceituação de que o setor agiria como uma esfera residual ou carente de produtividade. Desta forma, o setor de serviços é apenas complementar aos setores industrial e agrícola. Este setor passou a receber mais atenção apenas em meados do século XX.

Em relação ao histórico do setor de serviços, (Kon, 2004, p.1) aponta que:

“antes das primeiras formulações de conceitos sobre as atividades econômicas de serviços encontradas na literatura, surgiram discussões sobre o caráter produtivo ou não dessas ocupações, consideradas inicialmente não produtivas e complementares”.

Como explicitado anteriormente, o setor de serviços não tinha sua devida importância reconhecida e figurava na economia ainda como um mero expectador, o que passou a mudar no decorrer do tempo, tendo assim sua importância econômica reconhecida tanto na literatura como também na prática e no dia-a-dia.

Tamãna importância pode ser vista nas tabelas 3 e 4. A tabela 3 mostra a evolução e o crescimento do índice de pobreza FGT entre as famílias estritamente agrícolas do meio rural da Região Nordeste. O índice tem taxas de crescimento positivas, o que indica que a pobreza tem aumentado nessas famílias.

TABELA 3: EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE POBREZA FGT ENTRE AS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO MEIO RURAL DO NORDESTE: 2003-2009

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Tx Cresc. (a)	Sig. (b)
P0	0.1552	0.1362	0.1463	0.2000	0.1953	0.1974	0.2246	7,94	***
P1	0.0640	0.0572	0.0678	0.0821	0.0931	0.0912	0.1007	9,77	***
P2	0.0374	0.0367	0.0429	0.0474	0.0608	0.0592	0.0641	11,00	***

(a) Obtido de uma regressão log-linear contra o tempo

(b) ***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1%, 5%, 10% e não significativo estatisticamente. Fonte: SOUZA *et al*, 2011. Dados reprocessados da PNAD pelos autores

Diferente do que é demonstrado na tabela 3, a tabela 4 deixa claro que a evolução do índice de pobreza FGT desta vez tem um decréscimo, o que demonstra a importância do setor de serviços nessa região. A diminuição mais expressiva dá-se nas famílias P2, que são as famílias que encontram-se dentro da severidade da pobreza. As demais famílias encontradas na proporção de pobres e no hiato da pobreza decresceram 5,69% e 9,18% respectivamente.

TABELA 4: EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE POBREZA FGT ENTRE AS FAMÍLIAS PLURIATIVAS DO MEIO RURAL DO NORDESTE: 2003-2008

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Tx Cresc. (a)	Sig. (b)
P0	0.0792	0.0605	0.0558	0.0585	0.0678	0.0576	0.0444	-5,69	Ns
P1	0.0254	0.0205	0.0168	0.0176	0.0179	0.0153	0.0123	-9,18	**
P2	0.0117	0.0101	0.0075	0.0079	0.0087	0.0063	0.0050	-11,26	**

(a) Obtido de uma regressão log-linear contra o tempo
(b) ***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1%, 5%, 10% e não significativo estatisticamente.
Fonte: SOUZA *et al*, 2011. Dados reprocessados da PNAD pelos autores

De acordo com Sambatti e Rissato (2003), o setor de serviços vem desempenhando um papel importante e cada vez mais crescente no emprego e nas transações econômicas gerais, tanto como atividade principal, quanto como fornecedora de insumos para o setor industrial.

De fato, o setor de serviços vem crescendo e demonstrando sua força na economia como geradora de emprego e renda. O estado do Ceará já desponta como uma grande força da região Nordeste neste setor, seguido pela Paraíba. Ambos os estados apresentaram índices percentuais superiores aos índices do Brasil. O Ceará aparece como o primeiro estado do Nordeste em relação ao setor de serviços, ficando em terceiro no ranking nacional (IBGE).

Em relação à desigualdade, a tabela 5 demonstra a evolução desse índice. No decorrer dos anos, o índice sofre alterações crescentes como também decrescentes. A taxa é positiva, mas pouco expressiva e sem significância estatística, o que não deixa uma tendência clara em relação a aumentou ou redução neste tipo de família.

TABELA 5: EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE DESIGUALDADE DE GINI ENTRE AS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO MEIO RURAL DO NORDESTE: 2003-2008

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Tx Cresc. (a)	Sig. (b)
Gini	0.4026	0.3983	0.3957	0.4029	0.4439	0.4135	1.37	ns

(a) Obtido de uma regressão log-linear contra o tempo
(b) ***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1%, 5%, 10% e não significativo estatisticamente.
Fonte: SOUZA, 2010. Dados reprocessados da PNAD pelos autores

Assim como na tabela 5, a tabela 6 também apresenta uma alternância de valores entre os anos, porém, a sua taxa de crescimento é quase que zero, desta forma, muito pouco expressiva. O resultado de 0,35% na taxa de crescimento, porém, sem significância estatística, também não apresenta tendência clara de aumento ou redução nas famílias agrícolas, igualmente ao acontecido nos valores encontrados nas famílias agrícolas. Portanto, diferente da pobreza que teve redução expressiva dentre as famílias pluriativas, a desigualdade teve um pequeno acréscimo, não sendo um valor expressivo. Ou seja, se por um lado a desigualdade não chegou a diminuir, por outro lado, ela também não aumentou.

TABELA 6: EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE DESIGUALDADE DE GINI ENTRE AS FAMÍLIAS PLURIATIVAS DO MEIO RURAL DO NORDESTE: 2003-2008

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Tx Cresc. (a)	Sig. (b)
Gini	0.4086	0.3887	0.4157	0.4000	0.4142	0.4063	0.35	ns

(a) Obtido de uma regressão log-linear contra o tempo

(b) ***, **, * e ns, indicam, respectivamente, 1%, 5%, 10% e não significativo estatisticamente.

Fonte: SOUZA, 2010. Dados reprocessados da PNAD pelos autores

Com toda essa força demonstrada pelo setor de serviços, a pluriatividade aparece como grande beneficiada, uma vez que o setor de serviços forte e com oferta de empregos, o fenômeno de diversificação de renda apresenta maior facilidade para que o mesmo possa se concretizar, contribuindo desta maneira para que os níveis de pobreza e desigualdade possam ser reduzidos ou pelo menos amenizados sem que ocorra mais crescimento destes índices.

Para Souza et al (2011), as recentes transformações do rural brasileiro fazem com que o mesmo não possa mais ser considerado apenas como agrícola. As atividades não agrícolas, que vêm cada vez mais desempenhando um papel importante, surgem como complemento das rendas das famílias que praticam tais atividades.

Essas transformações recentes vêm acompanhadas de uma reestruturação produtiva baseada na inovação tecnológica, que segundo Kon (2004, p. 63) “tem conduzido à industrialização dos serviços, à inovação organizacional e a novas formas de comercialização dos serviços, no que se

refere aos relacionamentos entre produtor e consumidor”. Essas mudanças provenientes da industrialização geraram novas modalidades ou formas modificadas de serviços.

O passeio ao campo, a pesca do final de semana, entre outras atividades que antes eram vistas como *hobbie* passaram a ser uma forma de gerar renda. Com a inovação tecnológica, o que era apenas um simples passeio ao campo, tornara-se um *ecoturismo*, da mesma forma, o que seria antes uma simples pescaria, nos dias atuais pode ser visto como um “pesque-pague”, oficializando assim atividades do setor de serviços.

Atualmente, falar de atividade rural, não é falar apenas de atividade agrícola. As famílias do meio rural vêm procurando diversificar suas atividades, buscando assim melhor contribuir com a renda de cada domicílio.

Para isso, a pluriatividade vem surgindo como uma forma alternativa para a obtenção de renda extra. O setor de serviços aparece como um grande propulsor e incentivador para que essa diversificação possa vir a acontecer, de forma que as famílias passam a ocupar seu tempo também, em atividades não-agrícolas.

Proveniente dessa transformação do meio rural, a pobreza e a desigualdade vem sofrendo impactos positivos – se não melhorando, pelo menos mantendo-se estagnada. Esta diversificação de renda vem contribuindo para melhoria dos índices desses dois indicadores sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da nova dinâmica da região Nordeste e do desenvolver das diversas atividades não-agrícolas, percebe-se que a região não pode ser considerada como geradora de atividades apenas agrícolas. As inovações tecnológicas aparecem paralelamente a todo esse cenário de diversificação de renda e contribuem para elevar os índices das atividades não-agrícolas, fomentando assim o surgimento e aumento da pluriatividade.

Frente ao ocorrido, no que diz respeito ao aumento de oferta de empregos – uma vez que os componentes das famílias estão deixando a zona rural em direção à zona urbana para ocuparem, assim, alguma vaga de emprego – é esperado que os índices de pobreza e de desigualdade que são bastante elevados na região, possam ter diminuição. Porém, conforme o esperado, a pobreza diminuiu com índices expressivos dentre as famílias pluriativas que diversificam sua renda, já em

relação à desigualdade, a mesma não apresentou índices decrescentes, contudo, se os índices não tiveram queda, também não cresceram de forma significativa, apresentando uma leve variação.

Paralelo a tais características espera-se também o aumento do poder de compra desses agentes, pois, ao diversificarem e aumentarem sua renda, conseqüentemente, aumentarão também o poder de consumir.

Diversificação de renda, pluriatividade, diminuição da pobreza e queda nos índices de desigualdade vêm sendo posto em prática devido ao aumento do setor de serviços. Esse setor tem se mostrado cada vez mais forte e responsável por mudanças na dinâmica econômica da região Nordeste, como também na dinâmica do Brasil.

Com o investimento no setor de serviços que faz com que o mesmo melhore e apresente índices considerados, só quem tem a ganhar são os agentes que dependem dessa renda formada por esses serviços: as famílias pluriativas, que passam a exercer atividades não-agrícolas, deixando de exercer atividades apenas agrícolas, gerando assim mais receita, aumentando seus níveis de renda.

Desta forma, fica a cargo dos gestores públicos, o incentivo e o fomento ao fortalecimento do setor de serviços, uma vez que o mesmo é responsável por gerar vagas de empregos, que servirão para diversificação de renda das famílias que são apenas agrícolas.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, M. O. **PLURIATIVIDADE NO SERTÃO NORDESTINO: UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA. O caso do município de Tejuçuoca, estado do Ceará.** Revista Raízes, v.21, n.1, jan-jun/2002.

CEARÁ. **Setor de Serviços do Ceará tem maior crescimento do Nordeste.** Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br>>. Acesso em: 23 de jan. 2014.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão - SEPLAG. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. **As Principais Linhas de Pobreza Utilizadas no Brasil.** Fortaleza. 2009. 10 p.

CRUZ, M. S., COSTA, E. M., MARIANO, J. L., CAVALCANTI, D. M. **A Pluriatividade no Rural Nordestino: os determinantes da participação das famílias.** In: Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. SOBER-NE. 2012, Ilhéus-BA.

DATT, G. **Computacionl tools for poverty measurement and analysis**. Washington: International Food Policy Research Institute, 1998. 21p. (FCND DiscussionPaper, 50)

FOSTER, J., J. GREER, THORBECKE, E.. A Class of Decomposable Poverty Measures. **Econometrica**, v. 52, n.3, p. 761-766, May 1984.

GOMES DA SILVA, A., VERAS, E. C. **A Heterogeneidade da dinâmica das ocupações no rural do Nordeste**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife. Anais (CD-ROM) Brasília, SOBER, 2001. 10 p.

GUABIRUBA. **Setores da Economia: Definição de setor primário, secundário e terciário**. Disponível em: <<http://www.guabiruba.sc.gov.br>>. Acesso em: 24 de jan. 2014.

GUIMARÃES, P. W. **Variação de renda familiar, desigualdade e pobreza no Brasil**. 177f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2007.

HOFFMAN, R. **Distribuição de renda: medidas de desigualdade e pobreza**. São Paulo: EDUSP, 1998. 275p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Pnad 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008**.

KAKWANI, N. **Poverty and economic growth with applications to Côte D'Ivoire**. Washington D.C.: World Bank (LSMS), 1990. 68p. (Working Paper, 63)

KON, A. **Economia de Serviços: teoria e evolução no Brasil: Inclui uma análise sobre o impacto do setor de serviços no desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____; **Sobre as Atividades de Serviços: Revendo Conceitos e Tipologias**. Revista de Economia Política, vol. 19, n° 2 (74), abril-junho/1999.

LEMOS, M. B. **Espaço e capital: um estudo sobre a dinâmica centro x periferia**. Campinas: UNICAMP/IE, 1988, Tese de Doutorado.

LIMA, J. R. F. de. **Efeitos da pluriatividade e rendas não-agrícola sobre a pobreza e desigualdade rural na região Nordeste**. 157f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2008.

LOUREIRO, A. O. F.; SULIANO, D. C.; OLIVEIRA, J. L. de. **Uma análise da pobreza no Ceará com base em diferentes linhas de mensuração**. In: CARVALHO, Eveline B.S. Economia do Ceará em Debate 2009. Fortaleza: IPECE, 2010. p.165-281.

MARIANO, J. L.; NEDER, H. D.. **Renda e Pobreza entre Famílias no meio Rural do Nordeste**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42, 2004, Cuiabá. Anais (CD-ROM) Brasília, SOBER, 2004. 19 p.

NASCIMENTO, C. A. PEREIRA, F. C. DA SILVA, J. G. DEL GROSSI, M. E. **Pluriatividade e emprego doméstico no meio rural do Brasil, 1992-99.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife. Anais (CD-ROM) Brasília, SOBER, 2001. 19p

NASCIMENTO, C. A. **Pluriatividade, pobreza rural e políticas públicas: Uma análise comparada entre Brasil e União Europeia.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. (BNB Teses e Dissertações; n. 11).

NEDER, H. D.. **Desenvolvimento de metodologias estatísticas aplicadas aos dados das Pnads.** In: SEMINÁRIO SOBRE O NOVO RURAL BRASILEIRO (“A DINÂMICA DAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS E NÃO-AGRÍCOLAS NO NOVO RURAL BRASILEIRO: FASE III DO PROJETO RURBANO”). 3, 2003, Campinas.

NEDER, H. D. e GOMES, D. C.. **Pobreza e distribuição de renda rural no Brasil: uma análise de decomposição.** In: VIII Encontro Nacional de Economia Política, 2003, Florianópolis. Anais (CD-ROM). 24p.

PARAÍBA. **Paraíba registra maior crescimento do setor de serviços do Nordeste.** Disponível em: <<http://www.paraiba.pb.gov.br>>. Acesso em: 23 de jan. 2014.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil: afinal, do que se trata?** 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 244p.

SAMBATTI, A. P.; RISSATO, D. . **O setor terciário da economia: uma discussão teórica introdutória.** In: II Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel - Ciências Sociais Aplicadas na era dos serviços, 2003, Cascavel-PR.

SCHLINDWEIN, M. M. & CARVALHO, E. B. S. **A concentração de renda e a pobreza rural no nordeste brasileiro: uma comparação.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife. Anais (CD-ROM) Brasília, SOBER, 2001. 10 p.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e Pluriatividade.** 500 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. IFCH/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999.

SOUZA, S. F. de. **A evolução da pobreza e da desigualdade nas famílias agrícolas, não-agrícolas e pluriativas da região nordeste: 2003-2008.** 2010. 46 f. Monografia apresentada Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do grau de bacharel em Economia. Campina Grande-PB.

_____;LIMA, J. R. F. de. SILVA, A. G. **A evolução da pobreza e da desigualdade nas famílias agrícolas, não-agrícolas e pluriativas da região nordeste: 2003-2009.** Teoria e Evidência Econômica – Ano 17, n. 36, p.80-97, jan/jun. 2011.